A TRAJETÓRIA DE VIDA DE GREGÓRIO BEZERRA: MILITANTE POLÍTICO PERNAMBUCANO QUE RESISTIU A DITADURA MILITAR BRASILEIRA

Euclebson Cruz de Barros[1]

RESUMO: Gregório Lourenço Bezerra, militante político, revolucionário nas duas ditaduras do Brasil, marcada num período de forte resistência nos governos militares durante o século passado, permanece esquecido nos livros didáticos da história pernambucana e do Brasil, sua lembrança é contada por poucos que identificaram um motivo na história do seu legado e da sua luta política. A trajetória de Gregório Bezerra nos faz refletir para análise histórica e determinante do militante comunista que certamente é considerado mais expressivo. Foi sargento-instrutor e professor de educação física, expulso do exército em 1935 e no mesmo ano foi preso como um dos dirigentes do Levante Comunista. No governo varguista, com o fim do Estado Novo, recebeu anistia e voltou à sua terra natal Pernambuco. Eleito em 1945 como deputado federal mais votado na capital de Pernambuco. Seu mandato foi cassado em 1948, com todos os parlamentares comunistas. Viveu na clandestinidade por dez anos e após o golpe de 1964, foi preso quando tentava organizar uma resistência armada em apoio ao governo federal. Depois de ser preso, foi transferido para o Recife, sendo torturado pelos militares que incitavam a população a linchá-lo em praça pública. Faleceu em São Paulo, em 22 de outubro de 1983.

Palavras-chave: Gregório Bezerra. Repressão. Exílio.

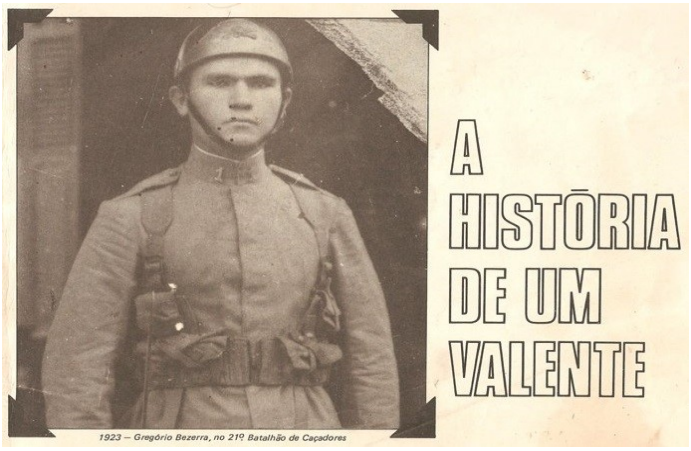


Figura 01 – Gregório Bezerra, no 21º Batalhão de Caçadores

[1] Mestrando em História - 4ª Turma, Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).
e-mail: euclebson.2020608045@unicap.br

A trajetória de Gregório Lourenço Bezerra, o mais conhecido militante comunista Pernambucano**.** preso ainda jovem em 1917 pela primeira vez, teve seus primeiros contatos com a luta dos trabalhadores influenciados pela Revolução Russa, a Revolução Bolchevique, posteriormente nas ditaduras do Estado Novo na era Vargas em (1937-1945) e no golpe civil-militar de 1964. A proposta desta pesquisa em primeiro momento pode parecer estranho ao leitor que estejamos discorrendo sobre a temática biográfica de um militante comunista e revolucionário, preso e torturado durante o século XX, porém o referencial teórico singular nesta pesquisa consiste nas informações coletadas a partir de textos, livros, artigos publicados, depoimentos, entrevistas e demais materiais de caráter histórico, baseado em análises de documentos, recolhidos e organizados como fontes de informações com os detalhes narrados, que suscita a refletir sobre os aspectos essenciais para uma compreensão da singular trajetória de Gregório Bezerra. Desse modo, analiso em sua pluralidade, pois como afirmou o historiador François Dosse: "a prática do historiador está, pois, por princípio, aberta a novas interpretações, a um diálogo sobre o passado aberto para o futuro" (DOSSE, 2009, p. 409-410).

Este estudo contribuirá para um entendimento mais aprofundado do registro de que a história contada pelo próprio personagem através de suas "memórias" e fontes trazidas pelos historiadores são relevantes na compreensão desse militante comunista e político para a história brasileira do século passado. Isto é, seria impossível conceber a existência de pessoas como Gregório Bezerra, que se formou no nível mais alto de rigidez e disciplina militar da década de 1930 e, mesmo assim, tornou-se um dos mais importantes militantes comunistas.

Quando olhamos para as memórias escritas por Gregório Bezerra, num momento de reflexão sobre sua trajetória, mas também um momento em que seu partido estava encurralado pela ditadura instalada em 1964 no Brasil[2] , não podemos deixar de pensar essas memórias como uma tentativa de construção de uma data imagem do que ele considerava como sendo o comunista, com seus valores e objetivos.

[2] A primeira edição do livro foi publicada em 1979, pela Civilização Brasileira. No epílogo, Gregório afirma estar vivendo a nove anos, desde 1969, na URSS, portanto, o livro deve ter começado a ser escrito em meados da década de 1970, momento em que muito membros do PCB estavam sendo atacados, apesar do partido não ter participado da luta armada.

> A memória é o artifício mental do ser humano para lembrar e relembrar dos acontecimentos vividos ou apreendidos do passado com maior ou menor grau de detalhes. Um verdadeiro arquivo mental dedicado a conservar, de forma seletiva, imagens e fatos. Na visão de Jacques Le Goff, a memória está relacionada a um conjunto de funções psíquicas responsáveis pela renovação de impressões ou informações passadas ou entendidas como passadas. (LE GOFF, 1990, p. 366).

Por essa razão, interessa-me, também analisar sua formação e preocupação quanto as questões sociais em defesa dos camponeses trabalhadores. No entanto, a diversidade documental, as inúmeras possibilidades de pesquisas, as muitas histórias a serem contadas, não podem se transformar em "um culto ao arquivo". O historiador necessita buscar estratégias para não ceder, pois a "obediência cega à positividade do arquivo, a seu poder absoluto, leva tanto a uma impossibilidade da história quanto a recusa do arquivo" (ROUDINESCO, 2006, p.9). O trabalho do historiador não começa após ele criar a coleção documental com a qual vai trabalhar, mas na escolha da mesma. Como escreveu Michel de Certeau (2013) a operação realizada pelo historiador transforma resíduos, papeis e objetos em geral, em documentos, com os quais se escreve a História. É neste operar, para Michel de Certeau, que reside uma das especificidades do fazer do historiador. O historiador enuncia discursos a partir dos arquivos, estes podem ser das mais diversas formas, escritos, imagéticos, fílmicos, orais ou oficiais. Mas, é o historiador que outorga a eles a capacidade deles se transformarem em fontes históricas.

Desta forma iniciamos nesta introdução, de forma sucinta, uma reflexão sobre o relato das "Memórias" de Gregório Bezerra que são compreendidas também por sua preocupação em narrar as experiências de algumas situações de violências sofridas pelos camponeses de diversas regiões do Estado de Pernambuco, passando posteriormente à publicação do seu livro "Eu, Gregório Bezerra, acuso!" escrito durante os dias passados na prisão como mostra este trecho do epílogo:

> Para combater esse Estado clandestino, tratei de recolher amplo material informativo sobre as vítimas de tortura e os torturadores. Possuo atualmente um amplo dossiê, ainda não sei como vou utilizá-lo. No momento em que dou os retoques finais nessas minhas Memórias, achamo-nos no segundo

> semestre de 1978 e a imprensa brasileira já está falando do assunto com crescente desenvoltura: os jornais e as revistas estão lembrando os casos de prisioneiros políticos que foram assassinados ou então "desapareceram" nas mãos de seus verdugos. É imprescindível que todos os democratas mobilizem todas as suas energias para que crimes assim nunca mais voltem a ocorrer (Bezerra, 2011: 589).

INFÂNCIA E JUVENTUDE

Gregório Lourenço Bezerra, nasceu no município de Panelas de Miranda em Pernambuco, em 13 de março de 1900[3], filho de Belarmina Conceição do Nascimento e Lourenço Bezerra do Nascimento, família de camponeses paupérrimos e analfabetos, sem-terra, sendo Gregório um dos últimos filhos, teve como jardim de infância, o trabalho na preparação de roçados.

*"- **Ao completar quatro anos de idade me disse minha mãe:***

"- Meu filho, tu intera, hoje, quatro aninhos. Já tá um home, tá bom de trabaio, manhã tu vai trabaiá com nói, Iimpá mato no roçado.

*"- **Meu pai colocou um cabo, numa enxada velha, gasta pelo trabalho e o tempo, e fez o mesmo com um cacareco de foice, e me falou:***

"- São teus. Toma conta e zela, da manhã envante tu vai aprendê a trabaiá com nói, em tudo."

*"- **Foi a minha 'escola', durante os primeiros anos de vida. E foi uma excelente escola."***



Originalmente a família era possuidora de uma propriedade rural até que significativa, mas com os muitos filhos e as consequentes partilhas e vendas para outras pessoas, a propriedade ia se tornando cada vez menor, o que aumentava as dificuldades de produção de um excedente que garantisse os anos menos produtivos.

[3] Na época era comum não ter registro civil, a avó de Gregório Bezerra teria lhe dito sua data de nascimento (BEZERRA, 2011, 17)

Em 1905, com as dificuldades dos flagelos da seca e da fome, na zona da mata do sul do Estado de Pernambuco, especificamente na zona canavieira, a base do trabalho na propriedade da família de Gregório Bezerra era a familiar, com no máximo o uso de mutirões[4], que era prática comum nas atividades que necessitavam de maior quantidade de mão de obra. Os mutirões eram utilizados também nos trabalhos de utilidade coletiva, como a limpeza de lajedos que possibilitassem o acúmulo de água das chuvas. A necessidade do trabalho de todos os membros da família para otimizar os poucos recursos e garantir a produção, fazia com que o tempo para uma infância despreocupada e protegida de todas as agruras da vida, fosse bastante curto. Isso não significa que a infância não existisse nos sertões mais secos.

Gregório Bezerra e sua família foram morar em um sítio de um casal de tios em Palmares, região castigada pela seca rigorosa que arruinou toda a lavoura e quase perdia sua mãe, foi obrigado a trabalhar no Sítio Brejinho, onde começou sua vida de assalariado agrícola, trabalhou na enxada e na foice para ajudar no sustento de sua família, ganhando 80 réis por dia, juntando o bagaço de cana para alimentar a fornalha do engenho. Ao completar os 07 anos de idade foi trabalhar nos serviços do eito com orientação de seus pais e irmãos, passando a ter aumento de salário alguns tempos depois ganhando 140 réis diários. Em seguida, com mais responsabilidade passou a ganhar mais trabalhando como ajudante de carreiro quando tinha que se levantar de madrugada para levar os bois e cavalos para o galpão do senhor de engenho. Sua primeira refeição era um gole de "pinga", dado por sua mãe, para, segundo ela, "espantar o frio e dar coragem". Às 10 horas para enganar o estômago se alimentava com um prato de farofa com uma migalha de charque ou um pouco de bacalhau.

> A arte de lutar, a honestidade, o respeito pelas autoridades paternas e por sua avó, a ética do trabalho camponesa, são elementos centrais de suas

[4] Um desses mutirões é descrito por Bezerra, que ressalta a força do trabalho coletivo: "O trabalho continuava normalmente, ninguém mandava em ninguém, todos trabalhavam com o mesmo entusiasmo, ninguém fazia cera e nem se escoravam uns nos outros. Reinava ordem e trato respeitoso entre todos, coisa muito característica na grande massa camponesa. Cada um dava o máximo de sua força de trabalho". p. 68

> memórias de infância no interior de Pernambuco. No mesmo sentido, de sua mãe nota que "era forte, apesar de tudo" (Bezerra, 2011: 35).

No final de 1907, seu pai foi gravemente acidentado e levado às pressas para um hospital do Recife que posteriormente Gregório teve a notícia do seu falecimento e no mesmo ano sua saudosa mãe veio a falecer, vítima de pneumonia. Órfão de pai e mãe, junto com seus outros onze irmãos, a sua avó materna tentou ampará-los, mas a fome e a seca devoravam tudo e teve que se separar dos irmãos que ficaram espalhados por toda parte[5].

Em 1910 não suportando os maus-tratos e injustiças dos senhores do Sítio Brejinho, fugiu para Recife, e ainda menino vai viver basicamente nas ruas ou em habitações temporárias, se encontrou com pessoas doentes, dormindo nas calçadas, pedindo esmolas e com outros sinais que evidenciavam as contradições sociais da cidade. Sem amparo de ninguém foi trabalhar como ganhador-de-fretes, comia nos quiosques quando conseguia algum dinheiro e quando não ganhava curtia assim mesmo a fome nas calçadas da cidade do Recife. Mesmo com todas essas dificuldades, encontrou gente boa, generosa, humana, mas também conheceu gente ruim, perversa e desalmada. Sem alguém que o orientasse ou arranjasse uma profissão segura, com o pão certo, tornou-se gazeteiro, vendedor de jornais, uma profissão duríssima na época, principalmente para os meninos da idade dele.

Em 1917, foi trabalhar como ajudante de pedreiro, arrumador de armazéns e até carvoeiro. Na indústria da construção civil, já sindicalizado participava dos movimentos de lutas sociais do operariado pernambucano, onde teve o seu primeiro contato com as ideias socialistas em consequência do jovem movimento de lutas operárias e camponesas na União Soviética, com a Insurreição popular que destituiu o Czar e, no mesmo ano, novas insurreições e combates, se consolidou a primeira Revolução Socialista liderara pelos Bolcheviques, sendo que nesse mesmo período, no Brasil, ocorria a primeira greve dos trabalhadores urbanos na luta pela jornada de oito horas de trabalho, descanso semanal e outras reivindicações. Esses movimentos eram sempre reprimidos pela Cavalaria e envolvido neles Gregório Bezerra foi preso e condenado a sete anos de prisão em agosto de 1917. No

[5] Com a morte de sua mãe, a avó passou a ocupar um lugar central na educação de Gregório, sendo um exemplo para sua formação. A aptidão para o trabalho, a força de vontade, a disciplina e honestidade de sua avó são também destacadas por Gregório, revelando os exemplos que aprendeu com ela.

ano de 1922, foi submetido a julgamento, quando foi posto em liberdade, neste mesmo ano após sua soltura, procurou trabalho, exigiram sua carteira de reservista, o que forçou-o a ir para caserna e sentar praça no Exército.



Figura 02 - Em 1922 Gregório Bezerra alistou-se no exército

Durante esses anos dedicou-se, como autodidata à sua própria alfabetização para poder cursar a Escola de Sargentos de Infantaria, no Rio de Janeiro, entre 1925 e 1926. Já alfabetizado, foi promovido a segundo sargento e em seguida desligado da escola para ser Instrutor da Companhia de Metralhadoras Pesadas no Segundo Regimento de Infantaria na Vila Militar e Instrutor de Esportes na Escola de Educação Física do Exército. Em seguida voltou para o Recife a fim de continuar sua vida de embarcadista com a profissão de canoeiro.



Figura 03 - Instrutor da Companhia de Metralhadoras Pesadas no 2º Regimento de Infantaria.

Em 1930, até então era apolítico. Caíram nas mãos alguns livros sobre a História do Socialismo e das Lutas Sociais. Descobriu a verdade, finalmente. Inspirado no exemplo e na luta heróica do povo soviético, desde a Revolução de 1917, achou o caminho que há muito lhe procurava: - o caminho da libertação do Proletariado e das massas Camponesas. Gregório se filiou ao Partido Comunista, que havia sido organizado no dia 25 de março de 1922 e logo em seguida posto em ilegalidade. Nesse tempo o fascismo estava em plena ascensão tanto na Alemanha quanto na Itália ou no Brasil, com Plínio Salgado. Havia certo atrito entre os "galinhas verdes" de Plínio Salgado e o movimento da classe operária.

Em 1934, Prestes se declarou membro do Partido Comunista e em 1935 foi criada a Aliança Nacional Libertadora, o maior movimento de massas organizado naquela época, inspirado na organização da Frente Popular na França e na Espanha. O nome de Prestes era uma bandeira de luta para as classes trabalhadoras da cidade e do campo, até mesmo entre a pequena burguesia. O Partido começou a crescer e a participar abertamente no sentido de ampliar a força dessa aliança. Com a ilegalidade muitos aliados se afastavam. Foi aí que o Partido encampou toda a força da ANL e marchou para a luta armada.

Em 23 de novembro de 1935 um movimento comunista eclodiu em Natal, no Rio Grande do Norte. Os rebeldes tomaram conta do Quartel do 28º Batalhão de Caçadores, prenderam a oficialidade e no dia seguinte atacaram o Quartel da Polícia que na sua maioria tinha compromisso com a Aliança Nacional Libertadora (ANL), estabelecendo-se a primeira tentativa de governo comunista no Brasil. O próprio Gregório admite em entrevista na época que "houve um erro muito grande. Acredita que deveria se preparar colunas para enfrentar os adversários que marchavam sobre o RGN, mas resolveram arrombar o Banco do Brasil e distribuir o dinheiro entre as massas de insurretos. Elementos que nunca pegaram em cinquenta contos ou duzentos contos e não quiseram saber mais nada da luta. Só no apagar das luzes do Governo Popular Revolucionário é que organizaram uma grande coluna que saiu para fazer guerrilha no interior do Estado. Quando esta coluna chegou a uma distância de oito quilômetros, parou para restabelecer a ordem e não tinha mais nem a metade. O pessoal

estava com o dinheiro e resolveu se esconder para tratar da sua vida. Caíram fora. Só ficou a vanguarda e mesmo assim nem todos. Na primeira parada para descanso não tinha nem um terço da coluna. Assim fracassou a guerrilha".

Ainda em novembro daquele mesmo ano, foi gravemente baleado na coxa, em João Pessoa, na Paraíba, foi preso e conduzido para o Recife, barbaramente espancado e torturado pela polícia e recolhido à Casa de Detenção de Recife. Fica três anos preso quando é divulgada sua condenação pelo Tribunal de segurança Nacional, condenado a 27 anos e meio de reclusão pela morte do tenente José Sampaio Xavier e por ter ferido o tenente Aguinaldo Oliveira de Almeida na tentativa de roubar o armamento do CPOR/Recife no levante de 1935, foi levado, primeiro para o Arquipélago de Fernando de Noronha[6] quando a ilha foi transformada numa base militar, em 1942, ele e os demais presos foram transferidos para a Ilha Grande no Rio de Janeiro, no Presídio Frei Caneca, onde dividiu cela com o ex-comandante da Coluna Prestes e secretário-geral do PCB, Luís Carlos Prestes e em 1945, com a Anistia promulgada pelo então presidente Vargas, Gregório foi posto em liberdade.

Anistiado, retorna a Pernambuco para reorganizar o Comitê Estadual do Partido Comunista de que foi membro e participou ativamente das lutas democráticas. Em 02 de dezembro de 1945, após uma memorável campanha, elege-se como o primeiro mais votado da cidade de Recife e o segundo mais votado do Estado de Pernambuco pela legenda do PCB, então legal, integrando, na Constituinte, com uma bancada de 15 parlamentares, que tinha como líder o camarada Prestes. Na sua passagem pela Assembleia Nacional Constituinte pronunciou 22 discursos com ênfase na importância e repercussão ao direito de votação pelos analfabetos e praças; a situação da juventude trabalhadora no nordeste; as reivindicações dos ex-combatentes.

[6] Gregório passou 3 anos e 6 meses no Arquipélago de Fernando de Noronha, sendo transferido para a Ilha Grande, no Estado do Rio de Janeiro, por causa da segunda guerra mundial e sua expansão.



Figura 04 – Santinho – Candidato Popular
pelo Partido Social Progressista

Em 1948 teve seu mandato cassado e de todos os parlamentares comunistas. Gregório passou a viver na clandestinidade por nove anos, organizando núcleos sindicais em Goiás, Minas, Mato Grosso, São Paulo e no Norte do Paraná, onde a preocupação permanente era a de cumprir com o seu dever, ajudando as massas operárias e camponesas a se organizarem. Participou de centenas de comícios, conferências e palestras sobre a Reforma Agrária. Ao lado de posseiros, do norte do Paraná e de Goiás, lutou contra os "grileiros" e ladrões oficializados, assumindo, essas lutas, algumas vezes, formas vigorosas. Neste período estava sendo caçado pelas várias policias políticas dos Estados e serviços secretos das forças armadas, como se fosse um animal perigoso.

Com o golpe de estado no Brasil, caracterizado por um conjunto de eventos ocorridos em 31 de março de 1964, que culminaram no dia 1.º de abril de 1964 com um golpe militar que encerrou o governo do presidente democraticamente eleito João Goulart, também conhecido como Jango. O dirigente comunista Gregório Bezerra, com 63 anos, foi preso no dia seguinte em terras de propriedade da Usina Pedrosa, já no município de Cortês, em Pernambuco, tendo como seu algoz o capitão Álvaro do Rego Barros, quando Gregório se dirigia sozinho de Jipe para Ribeirão onde pretendia com os camponeses se organizar para a resistência armada ao golpe em auxílio ao governo federal de João Goulart e estadual

de Miguel Arraes de Alencar[7]. Logo após a prisão, foi transferido para o Recife e levado ao Parque de Moto Mecanização, em Casa Forte, vestiram-lhe um calção, amarraram cordas no pescoço, onde foi arrastado pelas ruas do bairro de Casa Forte enquanto o tenente-coronel do Exército Brasileiro Darcy Ursmar Villocq Vianna lhe espancava a cano de ferro, no que este ajudado por três ou quatro sargentos, incitava a população a linchá-lo sem que fosse atendido[8]. Antes disso, fizeram-lhe andar num chão molhado com solução de bateria de carro para queimar-lhe as plantas dos pés e embaçarem a vista, resolveram 'passear' com Gregório pelas ruas adjacentes do quartel sobre britas, numa demonstração tipicamente medieval, o acontecimento foi exibido pelas televisões locais que o filmara e a noite foi retransmitido para os espectadores da TV Jornal do Commercio[9]. Episódios semelhantes repetiram-se em algumas cidades do país. Eram parte do jogo bruto provocado pela radicalização dos últimos anos. O medo entrara na transação política. De sua coluna diária no jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, Carlos Heitor Cony, primeira voz destemida a denunciar as violências, escrevia, no dia 7 de maio:

> Para atender a essa gente, a todos os Joões de Tal que não voltaram ou não voltarão um dia, espero merecer a atenção e o respeito de todos. É preciso que alguém faça alguma coisa. E já que não se pode mais pedir justiça, peço caridade.

Os espancamentos continuaram no xadrez. Gregório sangrava abundantemente. Villocq batia com o cano de ferro, num homem agarrado, gritando, histericamente: "- Eu sou

[7] Minha prisão teve lugar no dia 2 de abril de 1964, em terras de propriedade da Usina Pedrosa, no município de Cortês, em Pernambuco, cerca das 9 horas do aludido dia. De jipe, eu me dirigia sozinho, para Ribeirão, sabendo, por alto, dos acontecimentos que se desenrolavam no País.» «- Ao aproximar-me da Usina Pedrosa, encontrei-me, frente a frente, com outro jipe, guiado pelo capitão Rêgo Barros, da Polícia Militar de Pernambuco, que se fazia acompanhar de diversos investigadores. Quando me reconheceu, deu-me voz de prisão.

[8] Uns três ou quatro sargentos do Parque de Moto-Mecanização, completavam o espancamento com pontapés e socos por todos os lugares do meu corpo. As pancadas se sucediam no estômago, no rosto, nos rins, nos testículos, nas costas, nas pernas. Um grupo de soldados, ao longe do pátio do quartel, assistia aquele quadro de covardia e sadismo sem precedentes, silenciosamente." Trechos do livro: Eu, Gregório Bezerra, Acuso!

[9] Transmitido nas duas redes de televisões do Recife, à note, despertando uma onda de indignação em todo Nordeste. Houve gente que desmaiou de emoção, durante o filme em que eu aparecia completamente ensanguentado, com as cordas no pescoço" - contou Gregório no seu depoimento aos juízes militares.

ibadeano". E os sargentos agressores, em coro: "- Nós, também!". Desnudaram-no, quase desmaiado e Villocq mandou que os sargentos lhe enfiassem o cano de ferro no corpo. Gregório reuniu as últimas forças, revidou os golpes e pode salvar-se da suprema ignomínia arquitetada por uma besta humana. Gregório ficou com o sistema nervoso completamente abalado. Uma insônia perniciosa lhe perseguia, a próstata arrebentada devido aos espancamentos, apesar de duas operações a que se submeteu. O coração foi afetado; os rins e os intestinos trabalhava preguiçosamente. Tinha um zumbido nos ouvidos que lhe enervava constantemente".



Figura 05 – Charge do cartunista Carlos Latuff

Gregório Bezerra foi processado e condenado por crime de lesa Pátria e por subversão a 19 anos de prisão, e sua saúde e integridade física foram totalmente abalados. A pena imposta não chegou a ser cumprida, pois foi trocado, juntamente com mais 15 presos políticos pelo embaixador norte-americano Elbrick[10], sequestrado em setembro de 1969 por alguns grupos de dissidentes de esquerda que também exigia a publicação de um manifesto em todos os meios de comunicação. Inicialmente, Gregório foi para o México, seguindo depois para Cuba e dali para a União Soviética, onde recebeu assistência médica para tratar de sua saúde,

[10] Charles Burke Elbrick era embaixador dos Estados Unidos no Brasil no ano de 1969. Foi sequestrado pela ação do grupo Dissidência da Guanabara – que na ocasião utilizou o nome MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de outubro), em homenagem ao extinto grupo guerrilheiro niteroiense – apoiado pela Ação Libertadora Nacional (ANL), comandada por Marighella. O sequestro tinha como meta inicial tirar da cadeia o líder estudantil Vladimir Palmeira, entre outros presos políticos (Berquó, 1997; Tavares, 1999).

fixou residência em Moscou, onde viveu exilado[11], passou a integrar o Movimento Internacional da Classe Operária no exílio.

Retornou ao Brasil no ano de 1979, com o debate sobre a concessão de anistia aos punidos pelos atos de exceção posteriores a 1964, seu nome tornou a aparecer na imprensa brasileira. Pernambuco ocupa, talvez, o maior destaque nesse noticiário, em função da vinculação de alguns desses políticos, os mais notórios com este Estado, a exemplo do ex-governador Miguel Arraes, ex-deputado Francisco Julião Arruda de Paula, e o ex-deputado comunista Gregório Lourenço Bezerra. Este, por enquanto o mais noticiado, é, talvez, o mais importante em termos de Pernambuco, concentrando toda a atividade revolucionária que marcou sua movimentada vida.

Em meados do ano, publicou o primeiro volume de suas "Memórias" pela Boitempo Editorial, e em setembro, após a aprovação da anistia pelo Congresso, retornou ao Brasil

Em 1980 desliga-se do PC, solidarizando-se com Prestes, afirmando que continuaria fiel ao Marxismo-Leninismo e lutando pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita. Em abril de 1980, após o lançamento da *Carta aos comunistas,* através da qual Prestes formalizou sua cisão com a direção do PCB, Gregório Bezerra, negando-se a tomar uma posição nessa divergência, propôs a autodissolução do comitê central do partido o que não foi acolhida e, em maio do mesmo ano, desligou-se do órgão máximo do partido, condenando sua linha moderada e se proclamando solidário a Prestes. Em 1982 candidata-se à Deputado Federal por Pernambuco na legenda do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), conseguindo a suplência.

[11] Segundo declaração da advogada de Gregório, Dra. Mércia Albuquerque Ferreira, publicada no Jornal do Comercio – Recife, 12.03.2000 – pág. 4 (POLÍTICA), conta que, em 1969 na Casa de Detenção, disse a Gregório que ele se preparasse para sair, pois era um dos presos que iam ser trocados pelo embaixador dos Estados Unidos, Burke Elbrick, sequestrado pela guerrilha urbana. Gregório, que já estava com 69 anos, não aceitou ser solto, dizendo que a decisão era do partido. A advogada disse que ele não poderia prejudicar outros presos que estavam na lista. Ele, então, seguiu para o exílio.



Figura 06 - Gregório Bezerra em campanha eleitoral pela legenda do PMDB

Casou-se com Maria da Silva Bezerra, com quem teve dois filhos. Faleceu em São Paulo no dia 21 de outubro de 1983. Pouco antes de morrer Gregório declarou: "Gostaria de ser lembrado como o homem que foi amigo das crianças, dos pobres e excluídos; amado e respeitado pelo povo, pelas massas exploradas e sofridas; odiado e temido pelos capitalistas, sendo considerado o inimigo número um das ditaduras fascistas".

As declarações de Mércia Albuquerque Ferreira, advogada de Gregório em 1964, publicada no Diário de Pernambuco de 13 de março de 2000.

> Decidi que tinha que fazer alguma coisa por Gregório Bezerra, defendê-lo, quando o vi ameaçado de ser enforcado em Casa Forte, todo ensanguentado. Ele não guardava ódio de ninguém, sua questão era ideológica. Gregório representa a luta pela liberdade dos excluídos, porque ele abriu caminho entre as classes, esclareceu camponeses e operários ou, pelo menos, tentou. Que outros continuem.

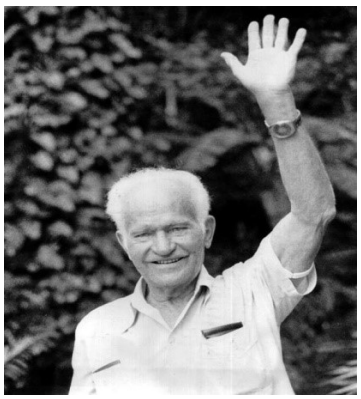


Figura 07 - Gregório Bezerra foi importante político pernambucano – Fundaj

Gregório Lourenço Bezerra era uma pessoa extremamente coerente, muito firme nas posições, um organizador imbatível. Foi uma pessoa muito perseguida porque era um elemento muito valioso para as atividades da organização do Partido Comunista. Gregório é, isto sim, um homem de espírito rígido, que nunca deixou de arriscar a vida, saúde e segurança social, pegando em armas quando necessário, em defesa de seus princípios. Seu único crime foi defender o povo brasileiro contra as duas ditaduras que o país viveu no século XX, e ainda à custa de sua liberdade. Muito embora sua notoriedade e ascendência sobre seus companheiros na prisão, dispensasse privilégios, não fazia valer nem usufruir da condição de "símbolo". Era um fator de equilíbrio no meio da comunidade carcerária, dando exemplos de disciplina. (...) Do seu lado humano um detalhe: tinha amor pela natureza, chegando a ter um pequeno jardim na prisão, onde cultivava rosas. Do seu grande coração: preso consigo, havia um jovem, Fernando Lopes, cuja família passava por dificuldades. Gregório passou então a destinar toda a ajuda que recebia dos amigos à família necessitada do companheiro[12].

Mércia Albuquerque Ferreira revela ainda que para Gregório foram reservados os piores castigos, os mais aviltantes abusos que um ser humano pode suportar. A forma irrefutável a aviltante situação a que foi submetido Gregório Bezerra, preso na Casa de Detenção do Recife. A exposição de um ser humano seminu, sentado no chão do pátio da prisão, tendo ao seu redor um grupo de efetivos militares ameaçadoramente armados, constituiu-se numa autêntica representação imagética da ação do "poder soberano sobre a vida nua" (AGAMBEN, 1998, p. 16).

Considerado um ícone entre as vítimas da repressão em Pernambuco, sua atuação política demonstra uma ilibada uniformidade de princípios, uma coerência de caráter, uma fidelidade às opções políticas, e talvez por isso tenha sido alvo inconteste do regime, sobretudo por ser um ex-militar, que rompeu com o exército em prol de um ideal.

[12] A advogada Mércia Albuquerque Ferreira fala do seu famoso constituinte, que, na sua opinião, voltará, em futuro bem próximo, a ter vez na vida pública do Estado. Entrevista Diário de Pernambuco – 02.09.1979.

CONSIDEREAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de estudo bibliográfico, os resultados alcançados nesta pesquisa pautou-se pela análise do material coletado dos registros e memórias por meio da metodologia da história documental, recolhido e organizado os dados dessas informações sobre o passado recente desse importante personagem da historiografia pernambucana e nacional, que permanece inconclusos como um "luto inacabado", decorridos mais de quarenta anos da Lei de Anistia.

Por essa razão, optamos por relacionar esses fatos de sua história como uma expressão relevante na compreensão da historiografia no que diz respeito à relação entre tendências e contratendências. É preciso compreendê-la a partir de contradições, e isso nos permite entender que tendências não significam o mesmo que relações lineares, evolutivas e causais. Isto é, se operássemos com a lógica formal da história, seria impossível conceber a existência da pessoa como Gregório Bezerra, que se formou no mais alto nível de rigidez e disciplina militar da década de 1930, nascido em família de camponeses paupérrimos e analfabetos, sem-terra, teve como jardim de infância, o trabalho na preparação de roçados e, mesmo assim, tornou-se um dos mais importantes militantes comunistas.

O aspecto mais importante de sua vida, constitui-se por meio da ênfase nas suas memórias e sua atuação prática ao contarmos suas diferentes histórias. Este aspecto institucionalizador na conformação das memórias do militante é confirmado pela própria motivação para a elaboração das mesmas. Porém é preciso mostrar que nas suas memórias são perceptíveis a seletividade em relação aquilo que ele coloca ou não. Difícil dizer quanto de seus "esquecimentos" são propositais ou não. Muitas vezes a impressão é mais de um apagamento proposital do que de um real esquecimento.

Assim podemos destacar a vida de Gregório Lourenço Bezerra, como um homem de ferro e flor, que enfrentou a opressão do mundo e ajudou a construir a parte bela da história do Brasil. Cabe destacar que a obra de Gregório Bezerra é marcada pela riqueza de detalhes de uma memória vinculada a eventos traumáticos como a fome, a seca, a morte de entes queridos e suas detenções.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011a.

BERQUÓ, Alberto. **O sequestro dia a dia**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

BEZERRA, Gregório. **Memórias.** 2ª. Edição. São Paulo, Boitempo Editorial, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**. Escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

O PASQUIM. **Entrevista de Gregório Bezerra**. Rio de Janeiro: nº 500, 26 de janeiro a 1 de fevereiro de 1979.

PROJETO DHNET**. Eu, Gregório Bezerra, Acuso!** http://www.dhnet.org.br/memoria/mercia/ditadura/gregorio_bezerra/eugregorioacuso.htm. Acesso em: 30 nov. 2020.

PROJETO DHNET. Gregório Bezerra. **Ex-deputado Gregório Bezerra prepara-se para voltar do País.** http://www.dhnet.org.br/memoria/mercia/ditadura/gregorio_bezerra/volta_gregorio.html. Acesso em: 30 nov. 2020.

PROJETO DHNET. Gregório Bezerra. **Uma origem humilde e vida atribulada**. http://www.dhnet.org.br/memoria/mercia/ditadura/gregorio_bezerra/gregorio_quemfoi.html. Acesso em: 30 nov. 2020.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Análise e o Arquivo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.